



## Editorial

É com enorme prazer que lançamos a décima quarta edição da Revista E-hum, referente ao primeiro semestre de 2015. Comemoramos o lançamento desse número em virtude de atingir um dos principais objetivos do Corpo Editorial, qual seja: o de colocar a revista na periodicidade regular, mantendo a qualidade dos trabalhos publicados dentro da tradição interdisciplinar do periódico. Também, nesse número, fizemos modificações sutis na editoração para uma melhor visualização da revista.

Abrimos a seção de artigos livres com a contribuição sobre o Programa Universidade Para Todos-ProUni. No contexto da reforma educacional do Estado brasileiro, o artigo busca analisar os aspectos legais que fundamentam a criação do ProUni, assim como, os conflitos manifestados durante o processo de implantação desse Programa na Universidade da Amazônia-Unama. Sem deixar de problematizar, os autores discutem as principais críticas ao ProUni e demonstram como o programa, na visão dos egressos, contribuiu de maneira significativa para realizações profissionais e pessoais por meio do acesso ao mercado de trabalho e de bens culturais.

A segunda contribuição envereda pelos significados dos profetas entalhados por Alejandrinho em pedra sabão e que fazem parte do complexo do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, Minas Gerais. Por meio de uma abordagem museológica, a autora busca analisar as possíveis interpretações dos profetas entalhados por Alejandrinho, para entender a construção e reconstrução de memórias e identidades coletivas derivadas das mudanças ocorridas e das potenciais ameaças sobre esse patrimônio. Assim busca-se refletir sobre os elementos de difusão da construção da “identidade nacional” como artifício circundado de referências simbólicas, que são transformados em heranças culturais.

Por fim, a terceira e última contribuição da seção de artigos livres, analisa o filme *Crash* para o letramento visual. A autora constrói a partir da análise fílmica uma abordagem que intercambia recursos visuais e textuais para o letramento de imagens em sala de aula. Assim, o uso do filme *Crash* é abordado como ferramenta e instrumento para a inserção de metodologia de interpretação sobre a leitura visual de imagens.

Para finalizar completamos esse número com a Seção Dossiê, cujo título é “O mundo antigo: literatura e historiografia”. Apresentamos com satisfação o professor Daniel Barbo que prontamente acolheu a proposta da e-hum para organizar esse dossiê que expomos a seguir.

Dado que não havia estabelecido a princípio um tema fechado, monolítico, lançando simplesmente o alvitre ‘a Antiguidade’, duas grandes áreas surgiram na medida em que os artigos e resenhas foram sendo enviados pelos autores: a literatura e a historiografia. Coincidentemente, são áreas de minha predileção e prática enquanto pesquisador da História Antiga. Minha Tese de Doutorado (2009) contempla ambas as áreas; tive a oportunidade de organizar, juntamente com Adriane Vidal, a obra *História, Literatura*



e Homossexualidade (2013); e atualmente trabalho no meu texto de pós-doutorado intitulado “Stonewall (1969), os gregos e a fragmentação das identidades: Uma análise das inter-relações entre os movimentos sociopolíticos homossexuais e a historiografia do hoerotismo grego”. Estas experiências tornaram menos árdua a tarefa de organizar e dar volume aos textos muitas vezes díspares na temática, embora geniais, que compõem este Dossiê: mitologia acádia (Gilgámesh) e grega (Dioniso e Medeia), simbologia do falo, hoerotismo grego, representações do logos, biografia do Imperador Adriano, historiografia historicista de Werner Jaeger, regime de verdade em Heródoto, as diásporas gregas, relações entre cultura grega e cristianismo paulino, arqueologia da escravidão romana. Este dossiê conta com gente nova, mas já brilhante no ofício da pesquisa! Bem como grandes nomes dos Estudos Clássicos e da Antiguidade, os quais dispensam apresentação.

Medeia é uma das personagens mais terríveis e fascinantes da mitologia. Ela põe em movimento sentimentos contraditórios e profundamente cruéis que inspiraram muitos pensadores e artistas ao longo da história. Maria Regina Cândido, em seu artigo “Os fragmentos de narrativa mítica da princesa de Cólquida”, trata das representações de seu mito na poética (de Eurípidés a Sêneca) e na cultura material (imagens em cerâmica, em sarcófagos e afrescos de Pompeia), compreendendo a dinâmica interativa entre a escrita e a figuração por meio do verbo *graphein* na cultura grega. A autora trata também das representações deste mito na arte cinematográfica, pondo em evidência a transcendência de sua narrativa mítica ao expressar problemas inerentes à humanidade.

Os dramas satíricos eram apresentados em Atenas nos concursos das Grandes Dionisíacas como encerramento de uma trilogia de tragédias, conformando, assim, uma tetralogia. Este gênero caracterizava-se por um coro composto por sátiros e protagonizado por Sileno. O único drama satírico completo que se conservou para nós modernos, salvo engano, foi o Ciclope de Eurípidés. Leandro Mendonça Barbosa, em seu artigo “O falo como sexualidade e jocosidade nas representações de Sileno no drama satírico Ciclope e na cerâmica dos séculos VI e V a.C.”, analisou como a representação do falo se insere nos contextos de Sileno, o ser que educou Dioniso, que participava do cortejo do deus do vinho e que possuía, dentre outras características, uma sexualidade latente. Desde o período arcaico, esta criatura já era representada itifálica (com o falo ereto), possuindo um aspecto ao mesmo tempo jocosos e lascivos. O autor aborda, então, a relação da sexualidade fálica de Sileno com o poder sexual masculino inerente a sociedades patriarcais como a de Atenas. Na simbologia da representação do falo ereto, uma constante em diversos aspectos da arte grega, devemos acrescentar, portanto, ao seu significado de fertilidade, o de potência masculina, o que se interconecta inevitavelmente com as representações da potência política e políade.

Juntamente com Homero, Hesíodo e os autores dos Hinos Homéricos, o poeta lírico grego Teógnis de Mégara, está entre os autores do Período Arcaico cujas obras foram preservadas numa contínua tradição de manuscritos. A arte literária atribuída à obra



Theognidea de Teógnis revela-se em poesia gnômica, muito típica do século VI a. C., retratando máximas éticas e conselhos práticos sobre a vida. Seus versos eram recitados em Atenas no Período Clássico nas festividades dos *sympósia*. Cenário para encontros políticos e homoeróticos, espaço provedor de divertimento para os comensais, estas festividades desempenharam um importante papel entre os membros da aristocracia descontentes com os rumos que o regime democrático havia tomado. Os conselhos do eu-poético se convertiam em alento para os atenienses que desejavam o retorno do poder político às mãos da aristocracia. Neste contexto, Luana Neres de Sousa, em seu artigo “Política, Homoerotismo e a poesia de Teógnis de Mégara nos *sympósia* atenienses do período clássico”, analisa as relações que se estabeleceram entre os ideais políticos e amorosos de Teógnis impressos na Theognidea e os banquetes aristocráticos atenienses.

A vitória dos gregos na Guerra de Tróia dependeu de vários fatores. Dentre eles, o retorno de Filoctetes à guerra, o que torna este personagem muito importante no conjunto mítico que narra as batalhas que os helenos deflagraram contra Ílion. Matheus Barros da Silva, em seu artigo “As representações do ΛÓΓΟΣ no Filoctetes de Sófocles”, analisa a questão do logos nesta tragédia. O autor pinça momentos do texto trágico que permitem observar de que maneira o logos circula no interior do enredo, de forma a perceber como Sófocles apresenta tal problemática a partir de uma articulação entre os personagens que estão em cena.

Publicada pela primeira vez na França em 1951, a autobiografia imaginada *Mémoires d’Hadrien* foi um sucesso imediato e tornou sua autora, Marguerite Yourcenar, mundialmente reconhecida. Nos *Carnets de note* a esta primeira edição, Yourcenar, para qualificar a época do Imperador Adriano, afirma, citando Gustave Flaubert, que “Les dieux n’étant plus et le Christ n’étant pas encore, Il y a eu, de Cicéron à Marc Auréle, un moment unique où l’homme seul a été.” Portanto, ela havia escolhido o Imperador Adriano como tema para o seu romance em parte porque este tinha vivido numa época em que já não se acreditava nos deuses romanos, mas em que o Cristianismo ainda não tinha se firmado. Isto a intrigou pelo paralelismo desta condição com a sua própria no mundo europeu pós-guerra. Sobre o Imperador, Anderson Martins Esteves, em seu artigo “Yourcenar e a *Vita Hadriani*”, além de destacar os traços mais marcantes do seu retrato na *Historia Augusta*, volta-se para o interesse de Yourcenar por esta obra, buscando compreender o que de especial na *Vita Hadriani* poderia tê-la marcado no *Mémoires d’Hadrien* e em outros escritos.

Moses Finley declarou uma vez que o efeito da obra *Paideia: die formung des griechischen menschen* sobre sua geração fora enorme. Trata-se, com toda a certeza, de uma das obras mais importantes sobre a cultura grega escritas no século XX. Numa fase de pesquisa em que eu fazia uma primeira análise da historiografia do homoerotismo grego, tentando demarcar os limites fundamentais do binarismo conceitual das abordagens essencialista e construcionista, deparei-me com Werner Jaeger. Em meu artigo, “A



paiderastia sob o historicismo de Werner Jaeger”, faço uma análise do modo historicista com que o historiador alemão, nas décadas de 1930 e 1940, aborda o homoerotismo grego (paiderastia) e sua relação com a pedagogia nesta sua magnífica obra. Seu quase pioneirismo no trato deste tema grego, na primeira metade do século XX, coloca sua abordagem, fruto do Historismo Alemão, a anos-luz de distância da abordagem essencialista, mas apresentando, de forma surpreendente, muitos pontos de convergência com a abordagem construcionista, fruto do Pós-Estruturalismo.

Como nos lembrou Jeanne Marie Gagnebin, em *O Início da história e as lágrimas de Tucídides*, a narrativa das *Historiai* de Heródoto – quando este fala daquilo que ele mesmo viu, ou daquilo de que ouviu falar por outros; privilegiando a palavra da testemunha, a sua própria ou a de outrem – diferencia-se das outras formas narrativas, não simplesmente por sua temática (o logos egípcio, o de Dário ou o dos scitas, fenícios ou persas), mas exatamente por este processo de aquisição do conhecimento. Heródoto menciona as suas “fontes” várias vezes no decorrer de sua narrativa: se ele mesmo viu o que conta ou se só ouviu falar e, neste caso, se o ‘informante’ tinha visto, ele mesmo, ou só ouvido falar. Segundo Gagnebin, esta característica investigativa do método de Heródoto, que se pode relacionar com a crescente prática judiciária de audição de testemunhas do período clássico da história da Grécia, representa uma primeira diferença essencial entre a narrativa ‘histórica’ de Heródoto e as narrativas míticas, como a epopeia homérica ou os textos hesiódicos, por exemplo. Mas qual o regime de verdade neste campo do pensamento sublunar grego inaugurado por Heródoto? Alan Alves de Jesus, em seu artigo “Reflexões sobre a verdade histórica: uma análise sobre a noção de verdade no discurso historiográfico de Heródoto”, busca compreender as maneiras pelas quais a noção de verdade foi construída nesta escrita da história por meio de um estudo reflexivo sobre a historicidade desta noção.

É provável que haja muito ainda para se desvendar naquela que foi uma das primeiras obras literárias da história da humanidade: a Epopeia de Gilgámesh. Há muito para se discutir sobre a língua, a linguagem, a sociedade, a religião, a erótica e o heroísmo da história da Mesopotâmia, lá no alvorecer das civilizações. Jacyntho Lins Brandão oferece, em seu artigo “Como se faz um herói: as linhas de força do poema de Gilgámesh”, uma tradução comentada de trechos da versão babilônica clássica do poema – Ele o abismo viu –, que remonta à tradição suméria e acádia, composta por volta do século XIII a. C. pelo escriba Sîn-lēqi-unninni. Paralelamente à tradução, Brandão examina as linhas de força temáticas que dão coesão ao poema, considerando a conexão que nele têm os feitos heroicos com o sexo, a morte e a vida civilizada.

Os Hinos Homéricos são uma coleção de trinta e três hinos de autoria anônima, tradicionalmente atribuída a Homero, que celebra várias divindades da mitologia grega. Desta coleção, Jaa Torrano, em seu artigo “Estudo e tradução dos Hinos Homéricos a Dioniso”, apresenta a tradução e o estudo de trechos dos três hinos dedicados a Dioniso (I, VII e XXVI) a partir do texto em grego estabelecido por Hugh G. Evelyn-White



para a Loeb Classical Library.

A respeito da expansão grega pelas bordas do Mediterrâneo e do Mar Negro entre os séculos VIII e VI a. C. e da mobilidade humana diversa nos períodos clássico e helenístico, levando-se em conta as causas das partidas (sténochoria, expulsão, fome, terras férteis, metais), os agentes da expansão, as modalidades das instalações (apoikia, clerúquia, empóron), os tipos de contatos estabelecidos com os ‘naturais da terra’, a natureza das trocas materiais e culturais, o devir das comunidades estabelecidas e as consequências dos deslocamentos na própria Grécia, dar ênfase ao conceito de “diáspora” em detrimento do de “colonização” pode significar um avanço em termos teórico-metodológicos? Acredito que sim. O uso do termo diáspora para se referir aos deslocamentos de gregos (fundação de novas cidades-estados e entrepostos) e à mobilidade humana, material e cultural que os gregos antigos promoveram, tem a vantagem de (i) desvincular deste movimento geral as noções de colonização, colônia e metrópole do período moderno; (ii) analisar de forma conjunta os deslocamentos dos períodos arcaico, clássico e helenístico; (iii) poder incluir na análise tipos de deslocamentos que não se enquadram propriamente na noção de colonização, como a situação dos metecos e dos estrangeiros em viagem, assim como a atração que exerciam as escolas filosóficas e, mais tarde, as bibliotecas, isto é, um exame da mobilidade em geral. É sobre esta questão que se indaga nosso primeiro resenhista, José Antonio Dabdab Trabulsi, com o título-pergunta “Colonização ou diásporas?” de sua resenha ao livro *Les diásporas grecques VIIIe-IIIe s de C.-G.* SCHWENTZEL (org.); M. DANA; St. LEBRETON; Fr. PRÊTEUX, que trata deste tema dos deslocamentos humanos tão grego antigo quanto atual.

O alexandrino Michel Fattal, autor de língua francesa, conhecido filósofo platonista, tem se dedicado, há tempos, aos estudos da interface entre a filosofia grega e os pensadores cristãos, como o seu clássico volume sobre Plotino e Santo Agostinho. Nosso segundo resenhista, Pedro Paulo Funari, faz uma resenha de uma obra deste autor: *Saint Paul face aux philosophes épicuriens et stoïciens*, na qual Fattal volta-se para o primeiro grande difundidor da mensagem cristã, considerado, muitas vezes, como fundador e difusor da nova fé em ambiente de idioma grego: Paulo de Tarso. Funari remarca que a obra de Fattal permite observar os pontos de convergência entre as correntes filosóficas gregas difundidas e conhecidas por Paulo de Tarso e a pregação do apóstolo, o que contribui para que se compreenda, de forma mais abrangente, a teologia paulina.

No campo dos estudos da Antiguidade feitos por profissionais brasileiros, a contribuição recíproca entre história, arqueologia e epigrafia avolumou-se consideravelmente nas últimas décadas. Mas ainda há muito que se fazer interdisciplinarmente. Dorian Borbonus ministra cursos de história da Grécia e de Roma na University of Dayton, Ohio. Sendo um especialista em arqueologia mediterrânea, combina história e arqueologia em sala de aula e em suas pesquisas. Nosso terceiro resenhista, Fábio Duarte Joly, lembra que as fontes literárias sobre a escravidão romana, compostas em geral pela aristocracia política e senhorial, permite uma certa visão da escravidão, com sua organização nas



grandes casas de Roma e formas de controle, porém pouco revela sobre as identidades coletivas ou a vida comunitária de escravos e libertos. Daí a importância de sua resenha da obra *Columbarium Tombs and Collective Identity in Augustan Rome* de Dorian Borbonus.

Enfim, gostaria de agradecer a todos os autores que gentilmente cederam seus textos para este empreendimento, bem como a todos os digníssimos profissionais que, do mesmo modo, amavelmente se prontificaram para o importantíssimo trabalho de emitir pareceres. Também agradeço à Revista e-hum e ao seu editor, Rangel Cerceau Netto pelo convite para a organização deste dossiê.

 <http://orcid.org/0000-0001-8013-7645>

Rangel Cerceau Netto

Editor Chefe da Revista E-hum e Organizador do Dossiê

 <http://orcid.org/0000-0001-7434-3098>

Daniel Barbo

Organizador do Dossiê: O mundo antigo: literatura e historiografia.

